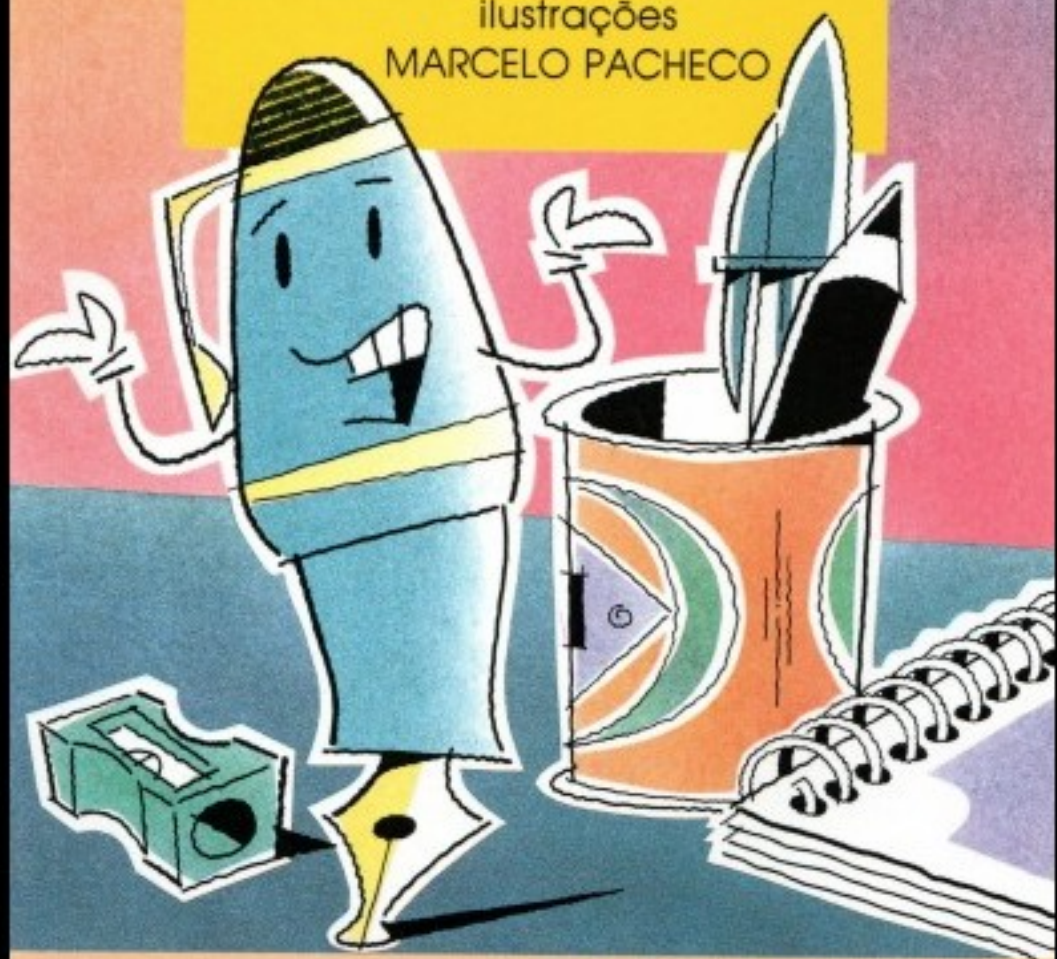


MARÔ BARBIERI

A CANETA FALANTE

ilustrações
MARCELO PACHECO



— Que caneta bonita!

Em cima da mesa, a caneta ouviu o elogio e olhou-se, com ar satisfeito. Era uma caneta azul-clara, com duas listrinhas amarelas lá na ponta da tampa. Não era uma caneta qualquer. Tinha uma forma elegante, um pouco mais longa do que as comuns, a tampa se encaixava delicadamente na base, sem necessidade de roscas.

Morava na escrivaninha de Roberta.

Beta era uma menina de olhos e cabelos escuros, uns óculos de aros vermelhos plantados no rosto redondo e bem humorado.

Fazia tempo que a caneta andava por lá. Foi presente do tio Oscar e chegou num pacote caprichado. Beta lembrava do tio, falando:

— Quando a gente embeleza a mão de uma escritora, as histórias saem muito mais facilmente...

Ela olhou para o tio, olhou para a caneta e achou que ele tinha razão. Vai ver era assim mesmo!

Naquele dia, já começou a imaginar. Quem sabe uma lagartixa heróica, lutando contra a rainha das formigas?

Ou...sapos tocadores de rock, ameaçados pelos passarinhos bagunceiros da escola de samba? Uáu! Claro! Algo havia de acontecer na companhia dessa caneta alegre e bonitona. Tão bonita que Beta resolveu que ela se chamaria Tônia. Nome estranho, é verdade, mas tão chique!

Tônia.

Beta gostava muito de escrever. Vivia rabiscando ideias. Às vezes, de dentro de uma gravura saíam estranhas criaturas que piscavam para ela, se desmanchando no ar e deixavam a menina de cabeça tonta, distraída. Quem seriam? O que estariam fazendo? Para onde teriam ido: alguma profunda caverna, um buraquinho de árvore? Para uma casa de chocolate, como João e Maria?

Suspirava.

Ah! Bem que gostaria de saber. Não sabendo, ficava logo com vontade de inventar. E acabava saído uma aventura que ela escrevia no caderno de contação de histórias.

O mano Ricardo implicava com as palavras malucas que ela usava, já se viu, contação? Mas era bem assim.

Tônia ajudava muito. Caprichava ao soltar a tinta e acompanhava, com curiosidade, o que ia aparecendo na folha branca.

Tudo ia bem.

Num domingo de sol, foram todos almoçar com a avó, que morava num edifício, no centro da cidade. Vovó gostava de reunir o pessoal e estava sempre visitando e recebendo visitas! Seu apartamento ficava no alto do edifício, janelas claras, abertas para o céu, floreiras repletas de plantas, pequenos jardins suspensos.

Beta adorava meter os bracinhos na terra, ajudando a avó a remexer no verde.

Naquele dia, ruminando ideias, a menina resolveu levar Tônia e o caderno de contação para escrever um pouco. Gostava de fazer isto em horas preguiçosas da tarde, os pais e vovó conversando e jogando cartas, as outras crianças montando jogos, papagueando, olhando desenhos na televisão.

O vestido de Beta tinha um bolsinho onde ela acomodava a caneta, que ia olhando tudo ao seu redor.

Ao chegar, a menina ouviu o chamado da avó:

— Beta! Olha que lindos cravinhos-do-mato! Venha, vamos plantá-los na floreira da sala!

A menina saiu saltitando em direção à janela. Tão saltitante que, ao debruçar-se, percebeu que a caneta escorregava rapidamente, indo despencar-se lá embaixo.

VVUUUUPPPPP! Nossa! Que susto!

Beta ficou de boca aberta, olhos arregalados. Virou-se para vovó:

— Vovó! Vovó! Minha caneta!

A avó percebeu o que tinha acontecido:

— Calma, Betinha! Calma. Com sorte ela nem vai quebrar. Pode ter caído no gramado. Vamos descer!

Desceram as duas. Vovó contava que já tinha deixado cair mil coisas que não tinham se quebrado.

Procuraram. Procuraram em tudo quanto foi lugar. O pessoal do edifício ajudava.

E foi o zelador quem avisou:

— Olha lá! Embaixo das violetas! Lá! Lá no canto!

Beta saiu como um raio na direção apontada, abaixou-se e olhou:

— Achei! Achei, vovó! Está aqui!

Estendeu a mão e, delicadamente, recolheu sua caneta inteira, inteirinha.

Voltaram abraçadas: Beta, a avó e Tônia, bem aconchegada na mão de sua dona.

A menina nem quis mais escrever naquele dia. Um pouco assustada com o acontecido, preferiu ficar brincando com os irmãos.

Retornaram ao anoitecer e foram dormir cedo.

No outro dia, quando a canetinha acordou, percebeu uma irritação na ponta de escrever. Sentia uma ardência.

Começou a ficar aflita: era um ar de tosse, de rouquidão. Rouquidão? Como?!

Experimentou. Forçou um pouco a ponta e ouviu, nitidamente, uns ruídos, outros, e outros. Experimentou de novo:

— Grr...Grr... Credo! Lembrou-se de ter escrito algo parecido para um urso que aparecia numa história. Tomou coragem. O que passou pela cabeça, ela falou:

— Alô! Olá! Tem alguém aqui?

Ao escutar o som claro daquilo que tinha pensado, quase caiu sentada. Desajeitada, botou-se de pé e tentou escrever alguma coisa. Nada. Não saía nada.

— Ora, droga! O que é isso? Tenho um monte de tinta aqui dentro!

Espantou-se mais ainda ao perceber que estava falando normal. Deu-lhe um vermelhão, quase mudou de cor. Procurou se acalmar. Sentou-se ao lado do caderno de contação de histórias, segurou a ponta com um dos braços e falou consigo mesma:

— Isso é invenção minha. Estou nervosa...

Ouviu a porta que se abria.

Beta largou a mochila cheia de livros, cadernos, adesivos, tampinhas, esparramou-se na cadeira e olhou ao redor, feliz por estar de volta ao seu quarto.

Acabava de chegar da escola. Quando viu Tônia, sentada, segurando a ponta com o braço, as desolado, um pouco desbotada no seu azul-celeste, parou. Ajeitou-se e ficou a olhar a amiga, meio de lado. Tônia, sem saber o que fazer, atrapalhada:

— Ôi, Beta! Que tal sua manhã?

A menina arregalou os olhos. Tônia falava com voz aveludada, discreta, mas dava perfeitamente para ouvir!

Mal refeita da surpresa, respondeu:

— Bem boa. Só impliquei um pouco com o Marcos. Aquele bobão me chamou de quatro-olhos, vê se pode!

— Marcos?! — espantou-se a caneta. — O que foi seu par na festa de São João? Ah! Muito me admiro. O que deu nele? — quis saber, curiosa.

— Bancou o bobo, só porque a Carminha disse que ele era meu namorado. Namorado... Beta fez ar de quem nem sabia do que estava falando mas, no fundo, achava legal a ideia. Marcos era simpático, camarada, bem bonitinho. Então deu-se conta de que estava batendo um papo tranquilo com sua caneta. COM SUA CANETA?!?

— Tônia! Você está falando! — exclamou, atônita.

— Desde que você chegou — respondeu a caneta, tentando manter um ar natural.

— Como é que é? Essa não... Botou as mãos na cintura e ajeitou os óculos para olhar melhor.

— Essa sim — respondeu a caneta. — E olha que estou fazendo força para ficar calma!

— Essa sim — respondeu a caneta. — E olha que estou fazendo força para ficar calma!

Beta coçou a cabeça:

— Quer dizer que, agora, você é uma caneta falante e não uma caneta escrevente?

— Pois é...POIS É! O que vou fazer? O QUÊ? Oh! Que desgraça!

Beta olhou com carinho para Tônia que, agora, se abanava com um pedacinho de papel. Até gostou daquele ar dramático.

— Calma. Calminha aí.

— Será que eu ainda tenho jeito?

Na verdade, Beta estava bem confusa. Mesmo assim, sorriu:

— Vamos ver. Fique calma. Vou pensar.

E saiu do quarto. No corredor, esfregou os olhos com as mãos por baixo dos óculos. Os aros vermelhos desengonçaram mas não saíram do nariz, estavam acostumados, era mania conhecida.

Para a menina, refeita da surpresa inicial, nada mais parecia estranho.

Sua caneta agora falava: bom! Mas não escrevia: pois é, aí ficava complicado! Foi então que se lembrou: — o tombo! Aquele enorme tombo lá da janela da vovó!

Coçou a cabecinha, pensando: “Interessante como tombos podem mudar canetas!” Mas parece que só funciona com as canetas. Ela mesma já tinha caído montes de vezes e nunca tinha conseguido nada de diferente!

Decidida a pensar melhor, caminhou até o pátio.

Enquanto isso, Tônia respirava fundo e se deitava ao lado do caderno de contação. Aquele mudança estava lhe dando uma aflição danada! Como seria ficar falante? Tá certo: falar é bem bom. A gente se comunica fácil, pode conversar, tem o tom da voz, a expressão do rosto, do gesto, essas coisas. Mas escrever é tão legal! O que está escrito não desaparece, fica lá, pode-se olhar quantas vezes quiser. Deu-se conta de que Beta fazia as duas coisas.

— Betinha fala e escreve.

Repensou. Mas ela gosta: ela escreve bem e fala pelos cotovelos!

— Não é o meu caso.

Riu devagarinho. Gostava muito de sua amiga, mas percebeu que era muito diferente. Canetas são mais felizes escrevendo. Realmente não estava gostando da novidade. Enquanto refletia, percebeu que não estava mais sozinha. Com o rabo dos olhos, viu uma joaninha vermelha aterrissando sobre o apontador. Em seguida, veio uma fada cor-de-rosa, ajeitando o chapéu pontudo sobre os cabelos. Apareceu também um violino lustroso, ensaiando uma melodia suave. E um pato amarelo, conversador, acompanhado de um avião de madeira.

Foram chegando e se acomodando sobre a mesa.

Curiosos, olhavam a caneta.

— Essa aí não está com boa cara! — disse o pato, com ar superior.

— Ora, Pato Bongo, já vi isto acontecer antes — falou Luci Joaninha, a voz aguda e fininha. — Mas teve cura!

— Ah, é? — quis saber a fada.

— Como é que foi?

— Pois...

E Luci foi contando o caso. Mas bem cochichado, todo mundo ao redor: bzzz...bzzz...bzzz...

**Assim que Luci parou de falar, Fada Marieta exclamou:
— É preciso avisar a Beta. É absolutamente necessário avisá-la!**

Fada Marieta gostava de visitar o quarto de Beta, estava acostumada a conviver entre as fantasias da menina escritora. Assim, foi fazendo amizade com a população.

Luci Joanhina morava ao lado, no jardim. Passava sempre no quarto para conversar com os brinquedos de Beta.

Pato Bongo, bichinho de estimação de Beta desde pequena, gordinho, feito de veludo amarelo, ficou meio resmunguento com o passar dos anos mas era boa pessoa. Nico Avião, de madeira leve, era presente do mano Ricardo. Feito por ele mesmo, na oficina de um amigo.

Lino Violino tinha sido da vovó e era companheiro querido da Beta, embora a menina infernizasse os ouvidos da família querendo imitar os grandes músicos.

Beta estava no pátio. Tinha sentado num cantinho, lá no fundo, entre arbustos muito verdes.

Pensava.

Por um lado, a mudança de Tônia era maravilhosa. A caneta seria uma companheira atenta e animada para ouvir histórias. Além disso, poderiam inventar juntas, uma comentando as ideias da outra.

Por outro lado, será que sua caneta gostaria de não poder mais escrever? De não poder mais guardar ideias no papel? Isso devia ser difícil para um ser escrevente.

Que situação! A aflição foi interrompida pela chegada de Luci Joaninha, que voava em círculos.

A primeira reação de Beta foi espantar aquele bichinho impertinente que insistia em ser notado. Abanou a mão, tentando afastá-lo.

— Não faça isso, Beta! Deixe-me falar com você.

Luci procurava falar o mais alto possível para ser ouvida.

— Ué?! Quer falar comigo?

— Sim, sim. É importante. É sobre Tônia, sua caneta falante! Sou Luci Joaninha, uma amiga.

— Ora essa! Então todo mundo já está sabendo? Puxa! Notícia voa, hein?

— É que somos atentos e curiosos. — ajuntou o insetinho, meio sem jeito.

— Nós? Nós quem?

— Pato Bongo, Fada Marieta, Lino Violino e Nico Avião: o pessoal do seu quarto!

Beta sorriu, encantada.

— Legal! Luci ficou vermelhinha de satisfação.

Em seguida, muito séria:

— Bem, vamos ao problema.

— Tem razão. Esse caso da Tônia não vai ser fácil. Quer dizer, se ela gostar de ser caneta falante, tudo bem.

Mas...e se ela não gostar?

— Pois é. Nós conversamos sobre o caso antes de eu vir aqui falar com você. Já vi uma situação parecida e acho que podemos ajudar. Ouça.

Beta ouviu com atenção. Depois, disse:

— Luci, isso pode ser uma ótima solução! Devemos observar bem a Tônia. Se ela não estiver muito contente com o novo jeito de ser, então, tudo bem, executaremos o plano!

Enquanto isso, no quarto, Pato Bongo tentava animar Tônia.

— Olha aqui, mocinha, não é ruim a gente falar.

Você tem uma voz bonita. Pode ser até cantora! Já pensou? Uma coisa moderna, luzes, alta potência, refletores, a glória!

A caneta suspirava. Cantora? Nem pensar. Ela sempre tinha sido discreta, caseira. Gostava de ficar por ali mesmo, na segurança da escrivaninha.

Fada Marieta, percebendo que a ideia não tinha agradado, intrometeu-se:

— Há outras ocupações interessantes, minha querida. Sei que lá pelas bandas da Terra da Fantasia andam organizando palestras para os anões. Quem sabe? Você já escreveu tanta coisa...

— Obrigada, Marieta. Acho que não ia dar. Tudo o que eu escrevo é a cabeça da Beta que pensa!

Os dois abanaram a cabeça, desconsolados.

Enquanto os amigos procuravam novas maneiras de animar Tônia, Marieta saiu à procura de Beta e Luci. Foi encontrá-las no corredor, voltando para o quarto.

Ao vê-la, Beta comentou:

— Que graça de fada! Como vai? Marieta sorriu, satisfeita com o elogio.

— Ôi, Beta! Que gentileza a sua.

— E Tônia? — interrompeu Luci — Está gostando de sua nova forma?

— Ih! Que nada. Está bem desanimadinha. Já sugerimos várias atividades interessantes e ela nem liga! — respondeu Marieta.

— É mesmo? — falou Beta, pensando no que Luci Joanninha tinha lhe contado.

E seguiram, em direção ao quarto.

Lá no quarto, Lino Violino começou a tocar novamente aquela canção delicada e alegre. Animados pela música, Bongo e Nico Avião dançavam, chamando pela Tônia.

A caneta continuava quieta, agora sentada sobre o caderno de contação.

— Ora, venha! — insistia Pato Bongo, sacolejando cheio de entusiasmo.

Tônia sorriu, vendo aquela festa. Mas estava sem ânimo. Olhou para a porta, ela se abria. Entraram Beta, Luci e Marieta.

— Olha a festa, Luci! — exclamou Beta. — Que gente animada!

Piscou para os bailantes:

— Oi, pessoal!

— Oi! — responderam, no embalo da música.

Beta reparou em Tônia, sentadinha sobre o caderno, bem no canto da escrivaninha. Aproximou-se, olhando-a com carinho.

— Está tudo bem? Vamos dançar?

— Não, não, obrigada! — respondeu, aflita. — Você sabe, Beta, gosto mais de olhar, de pensar, de refletir, de escrever sobre as coisas... Ah, escrever... E seus olhos brilharam, espelhando saudade.

Beta não teve mais dúvidas. Procurou Luci e lhe fez um sinal. Era o combinado. A joaninha cantou baixinho:

— Tá tudo certo! Vamos lá, gente!

Todos entenderam. Com espanto, Tônia percebeu que estava sendo violentamente sacudida de cima do caderno onde estava sentada. O caderno levantava-se, lentamente. — Ui! Poxa! O que está acontecendo?

A música parou. Luci, Marieta e Beta entreolharam-se.

Sacudida e mais espantada ainda ficou Beta quando o caderno, aquele cadernão, levantou-se, ficou quase de pé e virou-se para ela:

— Hááá! Peguei você! Você mesma, não se faça de desentendida!

— Eu?!? — Tônia apontava para ela mesma, tremendo.

— Você, sim! Você, que vai roubar todas as histórias que seriam escritas em mim! Sua canetinha estranha!

Falante... Onde está? Onde está? Responda!

Tônia tremia toda ao ouvir aquele vozeirão, Não conseguia falar.

O cadernão parecia cada vez mais ameaçador.

— Onde vai escondê-la?

— Esconder o quê? — respondeu Tônia, confusa e assustada.

— Toda ela! Toda aquela tinta! Ah, não posso nem pensar: vou ficar branquelo, sem nenhuma história, sem nenhum interesse!

Dizendo isso, aproximou-se. Sua sombra desenhou-se sobre a caneta, enorme, perigosa. A caneta engoliu em seco.

— A tinta! A tinta! — repetia o caderno, cada vez mais perto.

Os olhinhos de Tônia, arregalados de medo, acabaram se fechando.

E póimmm! Lá se foi ela. Caiu sem ruído sobre a mesa.

Todos se olharam.

Em seguida, ouviram um pedido abafado, saído de trás do caderno.

— Uma ajudinha aqui! Isso é muito pesado!

Era Nico Avião, que continuava fazendo força para manter o caderno em pé. Foram ajudá-lo. Nico estava suado e vermelho pelo esforço.

Assim que o caderno foi colocado de volta na mesa, o avião perguntou:

— Que tal? Que tal me saí? Foi uma boa representação, não é?

Todos o cumprimentavam, que talento! Ninguém diria que ela havia de conseguir aquele vozeirão dos diabos!

— Você foi maravilhoso! — elogiava Marieta.

— Além de voar, segurando o caderno, ainda conseguiu falar como um trovão!

O violino, grande conhecedor das artes, exclamava:

— Olha, compadre, seu caminho não está nos ares, está nos palcos! Que grande atuação!

— Tudo bem — disse Beta. — Agora, vamos nos ocupar de Tônia.

E foi tomar providências.

Pegou um conta-gotas. Todos a rodearam. Estavam apreensivos mas esperançosos.

Beta pingou uma gotinha sobre Tônia.

Nada. Mais uma. Ainda nada.

Silêncio.

— Nossa! A dose foi demais! — falou Luci, preocupada.

— Nem diga isso! — retrucou Pato Bongo.

A menina, aflita, quase afogava Tônia, pingos e pingos derramados sobre a amiga. Um pouco mais de tempo e...finalmente! A caneta abriu os olhos!

O pessoal deu aquele suspiro!

Beta olhou carinhosamente para sua caneta. Grandes e expressivos, os olhos de Tônia estavam, agora, bem abertos. E era como se estivessem sorrindo.

Som? Nenhum. Nenhum mesmo.

Luci Joaninha fazia voltas ao redor do grupo e dizia, com sua voz fininha:

— Viu? Bem que eu falei! Nada como um susto depois do outro!

O pessoal riu e concordou alegremente. E a luz do fim da tarde, entrando pela janela, iluminou a todos.

O resto? Basta passar na casa da Beta.

Peguem o caderno de contação. Está lá: quase cheio!

Histórias e histórias que continuam nascendo da cabecinha imaginosa e criativa da menina, as personagens pulando de uma página para outra, como nessa aqui.

Tudo muito bem escrito, com o capricho e o cuidado que a canetinha Tônia sempre teve, na mão de sua amiga Beta.